CLÉLIA MARIA DO CARMO SPINOSA

PRESSUPOSTO FILOSÓFICO DE PAULO FREIRE E A POSSIBILIDADE DE SUA APLICABILIDADE NO ENSINO DE FILOSOFIA DAS SÉRIES INICIAIS

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) desenvolvido sob orientação do Prof. Dr. Rogério Antônio Picoli e apresentado ao departamento de Filosofia e Métodos da Universidade Federal de São João del-Rei como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Filosofia.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Rogério Antônio Picoli (UFSJ – orientador)

São João del-Rei/MG

Abril 2022

Pressuposto filosófico de Paulo Freire e a possibilidade de sua aplicabilidade no ensino de filosofia das séries iniciais.

Clélia Maria do Carmo Spinosa

Graduanda do curso de Filosofia da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ)
cleliamspinosa@gmail.com

Resumo

O presente artigo tem como objetivo analisar alguns dos pressupostos filosóficos de Paulo Freire, educador filósofo, e a possibilidade de aplicá-los ao ensino de filosofia para estudantes das séries iniciais. Partimos de seu conceito de dialogicidade como uma linguagem compartilhada, como respeito ao educando, e do pensar "por si próprio" e pelo pensamento do outro. Percebemos na criança a curiosidade natural, a constante disponibilidade para indagar, tal qual no filósofo. Encontramos em Freire o respeito ao educando como parte do próprio processo de aprendizagem e, ao mesmo tempo, como um produtor de saberes. Aproximamos de Mathew Lipman (1922 – 2010), pioneiro no trabalho de filosofia com crianças, como uma forma de mostrar que os conteúdos e as práticas adotados pela maioria dos professores no ensino fundamental e a filosofia já possuem uma história e que este conhecimento não está distante do universo infantil; sendo assim, tal conhecimento não necessita chegar tardiamente à vida do educando, como acontece na educação escolar atual.

Palavras-chave: Paulo Freire; dialogicidade; ensino de filosofia; series iniciais; pensamento reflexivo.

Introdução

A escolha do tema "envolvendo alguns dos pressupostos filosóficos de Paulo Freire e sua aplicabilidade ao ensino de filosofia nas séries iniciais do ensino fundamental" deu-se por entendermos a necessidade de um ensino crítico, dialógico e reflexivo, já desde o contato da criança com a escolaridade. Seria esse conhecimento elaborado pela criança um conhecimento

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao departamento de Filosofia da UFSJ
Orientador: Prof. Dr. Rogério Antônio Picoli

que, em certo sentido a ser esclarecido, aproxima-se do conhecimento próprio do campo filosófico, entendido como o que favorece o pensar por si próprio.

Segundo Freire (1996, p.32):

> Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.

Compreendemos que a criança em sua curiosidade natural, enquanto pessoa, levanta algumas das questões que podem ser vista como próprias do âmbito filosófico; no entanto, as crianças são, muitas vezes, reféns de respostas prontas, sem reflexão. Acreditamos que o processo pedagógico em sala de aula pode levá-las a sustentar e a desenvolver esse pensar que é espontaneamente reflexivo e indagador.

De acordo com Freire (1996, p.35)

> A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta, é parte integrante do fenômeno vital. Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põem pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos.

Neste trabalho, a pesquisa ocorreu por levantamento bibliográfico através de livros, artigos, sites de pesquisas relacionadas ao tema. Na seção 1, tratamos da proposta pedagógica de Freire e o que desta proposta tem relação com ensino fundamental inicial. Na seção 2, analisamos a atitude filosófica reflexiva e crítica implícita na proposta de Freire. Na seção 3, discorremos acerca da viabilidade de se implantar na prática um ensino voltado para despertar e nutrir essa atitude filosófica já a partir das séries iniciais. Conclui-se que as dimensões do diálogo implícitas no pensamento de Paulo Freire referente ao pensar reflexivo e dialógico são aplicáveis ao ensino de filosofia nas series iniciais.

1 Proposta pedagógica de Freire e sua relação com o ensino fundamental inicial

Embora Freire não tenha direcionado uma metodologia para o trabalho com crianças, a inspiração que ele teve para preparar seu modelo de alfabetização surgiu a partir de uma experiência que vivenciou com seu filho em um passeio de carro, quando o menino, ao olhar uma propaganda de rua, leu em voz alta a palavra “Nescau” e, em seguida, começou a cantar a

música que ouvia nos comerciais. Freire, ao observar esse fato, começou a explorar para seu método a relação som, imagem e exemplos de vida cotidiana (cf. UFMT, 2021).

Na concepção antropológica de Freire, o ser humano é visto em sua completude. No primeiro capítulo do seu livro *Educação como prática da Liberdade*, o autor esclarece que as relações que o ser humano trava no mundo e com o mundo (pessoais, impessoais, corpóreas e incorpóreas) apresentam uma ordem tal de características que as distinguem totalmente dos puros contatos típicos da outra esfera animal. Entendemos que, para o ser humano, o mundo é uma realidade objetiva, independente dele, possível de ser conhecida. É fundamental contudo, partirmos de que o ser humano é um ser de relações e não só de contato, não apenas está no mundo, mas com o mundo. O estar com o mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser um ente das relações que é. Segundo Freire, isso quer dizer mais do que apenas um ser no mundo; o ser humano tornou-se uma presença no mundo, com o mundo e com os outros. Presença que reconhecendo a outra presença como um "não eu" se reconhece como si própria (cf. UFMT, 2021). Presença que pensa a si mesma, que se sabe presença, que intervém, que transforma, que fala do que faz, mas também do que sonha, que constata, que compara, que avalia, que valora, que decide, que rompe.

Dentro dessa concepção freiriana, destacam-se as diferenças entre os seres humanos e os animais; ressaltam-se as características específicas da nossa humanidade. Entre elas: o ser, no e com o mundo, em uma relação de pluralidade, criticidade, reflexão, transcendência, temporalidade, historicidade e consequências. Diferente da esfera animal que é um mero ser no mundo. Nesse cenário, tais características são parte da natureza humana; estão, portanto, em certo sentido, já presentes na infância.

Em sua concepção política, Freire trata da sociedade que queremos formar. Nesse sentido, ele trata da formação cidadã em termos de conhecimento; especialmente, da forma deste conhecimento e da metodologia que permite a descoberta deste saber.

Segundo Freire (1987, p. 34),

> Na concepção "bancária" de educação que estamos criticando, para qual educar é o ato de depositar, de transferir, de transmitir valores e conhecimentos, não se verifica nem pode verificar-se esta superação. Pelo contrário, refletindo a sociedade opressora, sendo dimensão "da cultura do silêncio", a "educação bancária" mantém e estimula a contradição.

Neste prisma, Freire combate uma educação domesticadora que não respeita o saber do educando. Tal concepção implica, além dos interesses do conhecimento imposto, outros aspectos que envolvem sua falsa visão do ser humano. Além disso, essa concepção sugere uma

dicotomia inexistente entre o ser humano e o mundo; seres humanos simplesmente no mundo e não com o mundo e com os outros; seres meramente expectadores e não recriadores dos acontecimentos.

Freire (1987 p. 39) propõe o seguinte:

> Ao contrário de uma educação "bancária", uma educação problematizadora, respondendo à essência do ser da consciência que é sua *intencionalidade*, nega os comunicados e existência à comunicação. Nesse sentido, a educação libertadora, problematizadora, já não pode ser o ato de depositar, de narrar, de transferir ou de transmitir "conhecimentos" e valores aos educandos, meros expectadores, pacientes à maneira da educação "bancária". A educação libertadora demanda mais, ela demanda um ato do ser cognoscente.

A proposta de Freire será de uma sociedade conscientizada, numa educação libertadora e dialógica. Em sua obra *Educação como prática da liberdade* (1967), há uma ênfase na pessoa e um compromisso político com uma educação ideológica. Dentro deste contexto, entendemos todo o campo educacional; inclusive a educação infantil, pois a formação cidadã dá-se no início da vida humana, não seria algo a ser aguardado para a fase adulta. Portanto, o educando é pensado como sujeito de seu aprendizado e não apenas objeto deste. Como afirma Freire (1996, p.56): "Outro saber necessário à pratica educativa e que se fundamenta na mesma raiz que acabo de discutir – a da inconclusão do ser que se sabe inconcluso – é o que fala do respeito devido da autonomia do ser do educando. Do educando criança, jovem ou adulto".

O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um saber ético e imperativo e não um favor que podemos ou não conceder um ao outro. Como educador, eu "devo estar constantemente advertido com relação a este respeito que implica igualmente o que devo ter por mim mesmo" (FREIRE, 1996, p. 66).

Dentro da definição de educação compreendida em Freire, observamos sua definição de conhecimento "[...] o conhecimento é processo que implica na ação reflexão do ser humano sobre o mundo" (FREIRE, 2003, p. 79).

Sendo assim, o trabalho em sala de aula, nas séries iniciais, tem a possibilidade de converter-se numa educação para o pensar, desde que haja reflexão, criticidade e dialogo.

De acordo com Freire (1996, p. 140):

> Uma das tarefas essenciais da escola, como centro de produção sistemática do conhecimento, é trabalhar criticamente a inteligibilidade das coisas e dos fatos, bem como, a sua comunicabilidade. É imprescindível portanto que a escola instigue constantemente a curiosidade do educando em vez de "amaciá-la" ou "domesticá-la". É preciso mostrar a educando que o uso ingênuo da curiosidade altera a sua capacidade de *achar* e obstaculiza a exatidão do *achado*. É preciso por outro lado e, e sobre tudo, que o educando vá assumindo o papel do sujeito da produção da sua inteligência do mundo e não apenas e de *recebedor* de que ele seja transferido pelo professor.

Encontramos, na BNCC (Base Nacional Comum Curricular), um dos documentos mais atuais da nossa educação, as competências gerais do ensino fundamental: conhecimento, pensamento científico, crítico e criativo, repertório cultural, comunicação, cultura digital, autoconhecimento e autocuidado, empatia e cooperação, representatividade e cidadania.

Esses objetivos vão ao encontro de uma educação emancipadora e dialógica, como a que temos na proposta de Freire. Temos o pensar como um novo tempo entre o compreender e o atuar, isso seria possível pela organização reflexiva do pensamento. Segundo o próprio Freire (1979, p. 68), somente um método ativo dialogal e participante poderia fazê-lo.

> E o que é o Diálogo? É uma relação horizontal de A com B. Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade. Nutre-se de amor, de humanidade, de esperança, de fé, de confiança. Por isso, somente o diálogo comunica. E quando os dois pólos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé no próximo, se fazem críticos na procura de algo e se produz uma relação de "empatia" entre ambos. Só ali há comunicação. "O diálogo, portanto, o caminho indispensável", diz Jaspers, "não somente nas questões vitais para nossa ordem política, mas em todos os sentidos da nossa existência. [...] É no diálogo que nos opomos ao antidiálogo tão estranhado em nossa formação histórico-cultural, tão presente e, ao mesmo tempo, tão antagônico ao clima de transição. O antidiálogo, que implica uma relação de A sobre B, é o oposto a tudo isso. É desamoroso. Não é humilde. Não é esperançoso; arrogante; autossuficiente. Quebra-se aquela relação de "empatia" entre seus pólos, que caracteriza o diálogo. Por tudo isso o antidiálogo não comunica. Faz comunicados (FREIRE, 1979, p.68-69).

2 Atitude Filosófica reflexiva e crítica implícita na proposta freiriana

Segundo Freire, a dialogicidade não nega a validade dos momentos explicativos e narrativos em que o professor expõe ou fala do objeto. O fundamental é que o professor e os estudantes saibam que a postura deles, do professor e dos estudantes, é ideológica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada enquanto fala ou ouve. O que importa é que o professor e os estudantes se assumam epistemologicamente curiosos (FREIRE, 1996, p. 96).

Por esse pensar de Freire, aproximamos o olhar de admiração do filósofo pelo olhar infantil. Olhar que admira, indaga, que olha e enxerga o que todos podem ver, mas não conseguem, devido ao hábito, ao medo, ao saber imposto e não reflexivo. Este saber filosófico dialógico permeia toda a filosofia freiriana. Em seus pressupostos, observamos que essa é uma ideia que diz respeito à educação desde o início.

Em seu livro *Educação como prática da liberdade* (1967, p. 104) Freire afirma: "basta ser homem, para ser capaz de captar os dados da realidade. Para ser capaz ainda de saber o que seja esse saber meramente opinativo. Daí que não haja ignorância absoluta nem sabedoria

absoluta". Entendemos homem, no sentido de humanidade como um todo, dentro do ciclo da vida; portanto, desde criança.

Freire parte de uma concepção dialógica de ensino, não de uma concepção que pressupõe um educando passivo, mas como alguém que é participante de um grupo, de uma comunidade de diálogo. Segundo o próprio Freire, a tomada de consciência em si não leva imediatamente à transformação da realidade. A relação entre a percepção e o conhecimento, entre a realidade e a transformação desta, demanda uma perspectiva mais dialética. Não basta perceber a realidade para poder transformá-la. Esse ensino que transforma a subjetividade está presente no processo de conscientização que se dá na dialogicidade. Não acontece apenas por uma técnica pedagógica, mas por meio de uma aproximação com os problemas da realidade e na reflexão sobre esta. Para Freire, ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação. É próprio do pensar certo a disponibilidade ao risco, a aceitação do novo, que não pode ser negado ou acolhido só porque é novo, assim como o critério de recusa ao velho não é apenas o cronológico (FREIRE, 1996, p. 39).

Compreende-se em Freire uma filosofia libertadora para pensar-se nos processos de transformação da realidade. Referindo-se a Freire, Gadotti (2007, p. 85) afirma que:

> [...] a pedagogia do diálogo que passou a praticar fundamenta-se na filosofia pluralista. O pluralismo não significa ter um ponto de vista e a partir dele dialogar com os demais. É o que mantinha a coerência da sua prática e da sua teoria. Paulo era acima de tudo um humanista. Seria a única forma de "classificá-lo" hoje. Não há dúvida de que Paulo Freire foi um grande humanista.

Observamos em Freire que uma educação comprometida com o direito de ser do ser humano, dentro de um processo humanizado, necessita de uma postura crítica reflexiva e dialógica. Nesse contexto, em que colocamos o ser humano com sentido de humanidade, podemos transpor para as séries iniciais a contribuição de Freire em favor de um ensino que respeite a criança como um ser pensante, que aprende e que também ensina. Portanto, a sala de aula desde o início deve pautar-se pelo diálogo, pela atividade reflexiva, por um fazer filosófico.

Freire entende que não é possível construir uma educação que não considere as experiências de vida com que a criança já chega na escola. Como cita em Pedagogia da Autonomia (1997, p.33):

> Ensinar exige respeito aos saberes do educando. Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela –saberes socialmente construídos na prática comunitária". Porque não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida?

Nos dias atuais, quando a BNCC estabelece como objetivos do ensino fundamental o pensamento crítico, o repertório cultural, o autoconhecimento, ela traz implícita a filosofia, ainda que o trabalho com o conteúdo aconteça de maneira transversal permeando todo o currículo.

Retornando ao tempo histórico, observamos que, há praticamente 2500 anos, o filósofo Sócrates referia-se ao diálogo como um instrumento de importância central na relação entre educador e educando. O mesmo se dá com Paulo Freire em sua proposta de educação dialógica; a prática pedagógica do diálogo independe da idade do educando. O ensino filosófico pauta-se pelo diálogo e por isso ele pode acontecer já desde as séries iniciais.

Segundo Lipman (1994, p. 55), que é referência no trabalho de filosofia para crianças:

> Para muitos adultos a experiência de admirar e refletir nunca exerceu nenhuma influência sobre suas vidas. Assim esses adultos deixaram de questionar e de buscar o significados de suas experiências em finalmente se tornaram exemplos de aceitação passiva que as crianças acatam como modelo para sua própria conduta. Desse modo a proibição de admirar e questionar se transmite de geração para geração. Em pouco tempo, as crianças que agora estão na escola serão pais. Se pudermos, de algum modo, preservar seu senso natura de deslumbramento, sua prontidão em buscar significado e sua vontade de compreender o porquê de as coisas serem como são, haverá uma esperança de que ao menos essa geração não sirva seus próprios filhos como modelo de aceitação passiva.

Assim como Freire refere-se a uma educação libertadora pela qual o trabalho em sala de aula possa fugir da concepção bancária de educação e possa voltar-se para a dialogicidade, Lipman menciona que este espaço escolar deve ser "uma pequena comunidade investigativa" e constitui esses elementos baseados nas ideias de Sócrates, Platão, Dewey, Pierce, Martim e Paulo Freire (LORIERI, 2002).

Nesse prisma, todas as disciplinas são passíveis de vivenciar a dialogicidade de maneira transversal. Isso insere a filosofia como parte do próprio processo de alfabetização, Desse modo, apresenta-se o saber reflexivo ao educando; ele teria contato com o saber filosófico em toda sua trajetória escolar e não apenas no Ensino médio, quando adentrasse na adolescência. Nessa visão tradicional, não havendo nas séries iniciais qualquer contato com a filosofia, estaríamos longe de um pensar reflexivo em sala de aula.

Então, seria interessante que o pensamento filosófico, através do diálogo, do pensar reflexivo, pudesse ser trabalhado por educadores e educandos já desde o início da alfabetização, aproveitando a curiosidade natural da criança.

Para Freire (1986, p. 64), o diálogo é compreendido como uma espécie de postura necessária na medida em que os seres humanos se transformam cada vez mais em seres

criticamente comunicativos. O diálogo é o momento em que os seres humanos se encontram para refletir sobre uma realidade como a fazem e refazem.

Refletindo sobre essa prática nas series iniciais percebemos que a partir do entendimento subjetivo do mundo a partir das experiências do cotidiano, o educando reflete as relações sociais numa dimensão espaço-temporal que propicia a noção de totalidade. Ao mesmo tempo, com a busca de identidade de grupos sociais, a construção de individualidade do eu e o outro; chega-se, assim, a uma interpretação sistemática do mundo e à possibilidade de intervir nele.

Em Freire (1980, p. 69) temos que a educação é uma situação de conhecimento e de comunicação, por isso o diálogo é fundamental no processo educacional. Esse diálogo faz parte da comunicação entre os sujeitos que se conhecem mediatizados pelo mundo. A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados.

A dialogicidade em Freire, no sentido de educação e na prática pedagógica, demarca a distinção entre a educação tradicional (bancária) e a educação libertadora, dialógica proposta por este educador (OLIVEIRA, 2017).

3 Como realizar na prática essa atitude filosófica a partir das séries iniciais.

Centrada na figura do professor em classes de jovens, ainda prevalece no ensino da filosofia o modelo tradicional de aulas expositivas, com ênfase no educador transmitindo informações. Algumas vezes, a aula é entremeada por questões formuladas por alguns alunos que levam ao diálogo, sobre determinado tema. Imaginando tal cenário, o diálogo em uma sala de ensino médio já seria difícil de ocorrer e de conduzir, numa sala com estudantes das séries iniciais isso seria praticamente impossível visto que o modelo atual vai contra a natureza curiosa e indagadora da criança.

Como bem fala Freire (1996, p. 66):

> O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros. Precisamente porque éticos podemos desrespeitar a rigorosidade da ética e resvalar para sua negação, por isso é imprescindível deixar claro que a possibilidade do desvio ético não pode receber outra designação senão a de *transgressão*.

Pensando nessa forma de ensinar, com base nesse conceito de educação de Paulo Freire, há uma possibilidade do ensino de filosofia com crianças, onde o diálogo entre educadores e educandos estimule os pequenos a indagar, propor situações problemas, expressar o que pensa,

dialogando e debatendo sobre os temas propostos, dentro do seu interesse e da realidade que os cerca.

Em uma atitude provocativa, filosófica, podemos voltar ao exemplo de Sócrates. Embora separado de nós por alguma centenas de anos, esse professor filósofo também tinha no diálogo a forma de ensinar. Observamos nesse mestre uma concepção de mediação presente na relação que ele estabelecia com as pessoas, ou seja, uma relação de conhecimento que permitia a passagem de uma coisa à outra num diálogo. Ele acreditava que era necessário conhecer bem cada coisa em particular, porque só assim seria possível explicá-la aos outros. De acordo com Sócrates, a falta desse conhecimento se constituía em um engano, para si e para os outros.

> [...] Sócrates procurava desde de a juventude um outro tipo de causalidade para a explicação das coisas. Rompendo com as teorias anteriores "fisicalistas" ou "mecanicistas", dirigiu se assim para a procura de uma causalidade embasada nos valores: o melhor, o belo, o bom e o justo (BENOIT, H. 1996, apud MEIER, M. 2007 p. 36-37)

Os valores seriam a base para pensar o que cada coisa é em si e por si mesma, ou seja, o que cada coisa é na sua forma mais pura e perfeita, na sua forma melhor, na sua forma essencial.

Segundo Pessanha (1987, p.18), Sócrates desenvolvia, junto aos atenienses, uma atividade reflexiva, ao manifestar uma insistente investigação sobre o significado de palavras para as quais ele não visava a definição de conceitos: sua meta seria não o assunto em discussão, mas a própria alma do interlocutor que, por meio do debate, seria levada a tomar consciência de sua real situação, depois que se reconhecesse povoada de conceitos mal formulados e obscuros.

Encontramos em Freire que somente numa perspectiva dialética será possível entender e compreender que o ser humano é processo e produto da história. História essa feita por seres humanos de forma coletiva, num processo contínuo em que as pessoas vão se fazendo e se refazendo. Em outras palavras, "o fazer humano" não acontece fora do mundo humano, histórico-cultural, mas "dentro" do contexto de relações ser humano-mundo; contexto no qual os seres humanos, transformando o mundo, sofrem os efeitos de sua transformação.

Uma educação para o pensar, reflexiva, filosófica será sempre uma educação desalienadora comprometida com a formação de um aluno consciente e autônomo e sua aplicabilidade cabe perfeitamente nas salas de aulas das séries iniciais.

Segundo Lipman (1990, p.13), a filosofia oferece um fórum no qual as crianças podem descobrir por si mesmas a relevância para suas vidas dos ideais que norteiam as vidas de todas as pessoas. Se criarmos condições para que estudem, analisem e investiguem juntas e coloquem

esses ideais sob a mira de exames rigorosos, não só podem descobrir, mas, com a nossa ajuda, deixariam de ser passivas diante deles e participariam ativamente de sua continua articulação. Essa ideia relativa à preparação de crianças e jovens para que não sejam passivos diante dos "ideais que norteiam a vida de todas as pessoas", ideais estes presentes em toda e qualquer cultura, é assim apresentado:

> Para muitos adultos a experiência de se admirar e refletir nunca exerceu nenhuma influência sobre suas vidas. Assim, estes adultos deixaram de questionar e de buscar o significado de sua experiência e, finalmente, se tornaram exemplos de aceitação passiva para que as crianças acatem como modelo para sua própria conduta. Desse modo a proibição de se admirar e questionar se transmite de geração para geração. Em pouco tempo, as crianças que agora estão na escola serão pais. Se pudermos de algum modo preservar o seu censo natural de deslumbramento, sua prontidão em buscar um significado e sua vontade de compreender o porquê das coisas serem como são, haverá uma esperança de que ao menos essa geração não sirva a seu a próprios filhos como modelo de aceitação passiva (LIPMAN et. al, 1994, p. 55).

Nesse sentido, encontramos em Freire uma fala similar referindo-se ao processo ensino aprendizagem, na relação educador e educando onde ambos são sujeitos aprendentes. Só na medida em que o educando se torna sujeito cognoscente e se assume como tal, tanto quanto sujeito cognoscente é também o professor, é possível ao educando tornar se sujeito produtor da significação ou do conhecimento do objeto. É nesse movimento dialético que ensinar e aprender vão se tornando conhecer e reconhecer. O educando vai conhecendo o ainda não conhecido e o educador reconhecendo o antes sabido (FREIRE, 1993, p. 119).

Nesse prisma, vemos a possibilidade do ensino de filosofia nas séries iniciais, como encontramos nessa proposta de Lipman (1990, p. 20): "[...] talvez em nenhum outro lugar a filosofia seja mais bem vinda do que no início da educação escolar, até agora um deserto de oportunidades perdidas".

Nesse conjunto de circunstâncias deparamo-nos com os pressupostos freirianos, que nos permitem algumas considerações pedagógicas aplicáveis ao trabalho das séries iniciais; bem como, considerações metodológicas, às quais Freire denominou círculos de cultura;

> [...] os círculos de culturas eram espaços em que dialogicamente se ensinava e se aprendia. Em que se conhecia em lugar de se fazer transferência do conhecimento. Em que se produzia conhecimento em lugar da justa posição ou da superposição do conhecimento feita pelo educador sobre o educando. Em que se construíam novas hipóteses de leitura de mundo. A educação que se impõem ao que verdadeiramente se compromete com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres "vazios" a quem no mundo encha de conteúdo; não podem basear-se numa consciência especializada, mecanicistamente compartimentada, mas nos homens como "corpos conscientes" e na consciência internacionalizada ao mundo. Não pode ser a do depósito de conteúdo, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo (FREIRE, 1987, p. 67).

A referência ao diálogo problematizador mostra-nos que este não depende do conteúdo a ser abordado. Tudo pode ser problematizado. O importante é que o educador e o educando dialoguem juntos acerca do sentido e do significado do saber historicamente construído, sua inserção no tempo e no espaço, sua instrumentalização e aplicação. O diálogo problematizador é oposto à memorização; como menciona Freire (1996, p.66): "o educador que ensinando geografia castra a curiosidade do educando em nome da eficácia da memorização mecânica dos conteúdos, tolhe a liberdade do educando, a sua capacidade de aventurar-se. Não forma, domestica".

Transpondo para filosofia com crianças, dentro do fazer dialógico de Freire teríamos uma sala de aula onde o tema estudado aconteceria em um pequeno grupo investigativo, considerando a especificidade do saber infantil. As aulas poderiam acontecer a partir de temáticas filosóficas, assuntos relacionados à vivência dos educandos, histórias infantis, sempre pautadas pela dialogicidade, vendo a filosofia como um posicionamento diante da vida, uma atitude reflexiva construída desde a infância. O educando não seria surpreendido no ensino médio com um saber que lhe causa estranheza, medo do desconhecido, do perigo que envolve o pensar. O percurso educativo poderia ser reflexivo, dialógico, questionador, curioso e transformador da realidade que o cerca.

Em sala de aula, o fazer filosófico sobre qualquer tema ou conceito básico poderá emergir de algum contexto significativo. Os contextos a serem utilizados podem ser variados, mas sempre se partirá de algum deles, exemplo: para o tema "como entender o ser humano no mundo e com o mundo" pode-se utilizar um filme curto no qual apareçam pessoas envolvidas em diversas atividades, sejam produtivas, sejam sociais ou artísticas poderá pedir aos alunos que listem essas atividades observadas e com base nessa listagem, dialoguem investigativamente sobre elas, procurando responder a certas indagações que eles mesmos levantem, a par de outras proposta pelo professor. Outros contextos significativos podem ser utilizados; uma poesia, um conto, uma peça teatral ou uma música. O importante é que nesses contextos, apareçam seres humanos em suas diversas formas de atividade e que junto à realidade de cada um possam suscitar questões para uma boa conversa indagativa (LORIERI, 2002, p. 138).

Como bem menciona Freire (1996, p. 98), satisfeita uma curiosidade, a capacidade de inquietar-me e buscar continua em pé. Não haveria existência humana sem a abertura de nosso ser ao mundo, sem a transitividade de nossa existência.

Considerações finais

A dialogicidade é uma das principais questões analíticas do próprio pensamento educacional em Freire, acompanhado da pergunta da práxis, da liberdade e da autonomia entre outros. O ser humano em si, em seu ciclo de vida, é colocado como sujeito do conhecimento e não mero expectador. Esse sujeito, no sentido de pessoa humana é o ser inacabado, num permanente processo social de busca, histórico e sócio cultural. Crianças e jovens tornando-se seres em que a curiosidade ultrapassa os limites que lhe são peculiares no domínio vital, tornam-se produtores do conhecimento.

Nesse contexto, a filosofia, aplicada nas series iniciais, poderia contribuir para dar condições ao estudante de ter autonomia em seu pensar. Tornando-se importante no sentido de estimulá-lo à reflexão e ao discurso, dois polos indissociáveis para que se possa ter liberdade de pensamento e capacidade para exercer o dialogo reflexivo.

Entendemos que as crianças enquanto pessoas põem-se questões próprias no âmbito da investigação filosófica e são envolvidas culturalmente com respostas a tais questões, tendo o direito de serem iniciadas no trato com elas e no processo de avaliação crítica das respostas.

Compreendemos com Freire que, no processo de aprendizagem, só aprende verdadeiramente aquele que se apropria do aprendido, transformando, reelaborando o que aprendeu a situações existenciais concretas. Pelo contrário, aquele que é "entulhado" por outros de conteúdo cuja inteligência não percebe, de conteúdos que contradizem a própria forma de estar em seu mundo, sem que seja desafiado, este não aprende.

Sendo assim, o presente artigo procurou dentro dos pressupostos filosóficos freiriana, com ênfase na dialogicidade, demonstrar a importância e a possibilidade da filosofia desde as series iniciais.

Dado o exposto, sugerimos novas pesquisas e trabalhos científicos neste seguimento, como forma de aproximar a filosofia do universo infantil e desmistificar a ideia do senso comum que este é um saber reservado a poucos.

Referências bibliográficas

BENOIT, H. **Sócrates: o nascimento da razão negativa**. São Paulo: Moderna, 1996 *apud* MEIER, M. **Mediação e aprendizagem: contribuições de Feuerstein e de Vygotsky**. Curitiba, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

FREIRE, P. A alfabetização de adultos: crítica de sua visão ingênua; compreensão de sua visão crítica. In: **Ação Cultural para a Liberdade:** e outros escritos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, P. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, P. **Educação e mudança.** Coleção Educação e Comunicação, vol.1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** 17a. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P; SHOR, I. **Medo e ousadia** – O Cotidiano do Professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GADOTTI, M. **A escola e o professor:** Paulo Freire e a paixão de ensinar. 1. ed. São Paulo: Publisher Brasil, 2007.

GALLO, S. Ética e Cidadania: Caminhos da Filosofia (Elementos para o ensino de filosofia) São Paulo: Papirus, 2000.

GALLO, S; Aspis, R.L. Ensinar Filosofia – um livro para professores. São Paulo: Atta Midia e Educação, 2009.

GALLO, S; Metodologia do Ensino de Filosofia. Campinas: Papirus, 2012.

GALLO, S; Kohan, W.O Filosofia no Ensino Médio. Petrópolis: Vozes, 2000.

LIPMAN, M. **A filosofia vai à escola.** São Paulo: Summus, 1990.

LIPMAN, M; SHARP, A.; OSKANIAN, F. **A filosofia na sala de aula**. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

LORIERI, M. A. **Filosofia no ensino fundamental.** São Paulo: Cortez, 2002.

MEIER, M. **Mediação da aprendizagem: contribuições de Feuerstein e de Vygotsky** / Marcos Meier, Sandra Garcia. Curitiba: Edição do autor, 2007.

PESSANHA, J. A. M. **Sócrates** – vida e obra. In: SÓCRATES. Os pensadores. Seleção, introdução e notas de José Américo Motta Pessanha. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

UNESP - Universidade Estadual Paulista. **Pedagogia Cidadã:** Cadernos de Formação - Filosofia da Educação. Pró-reitoria de graduação. São Paulo, 2003.

UFMT. Caderno de Curso – Paulo Freire 100 anos: Leituras fundamentais. UFMT, Departamento de filosofia, 2021.